

Juros antecipam nova negociação

ARNOLFO CARVALHO
Da Editoria de Economia

A tendência de alta nas taxas internacionais de juros ao longo deste ano deverá apressar a volta do Brasil à mesa de negociações com os credores estrangeiros, de forma "mais ampla" e envolvendo diretamente o governo norte-americano e de outros países, pois "sem redução dos juros e ampliação dos prazos, a dívida brasileira não poderá ser paga, devido à defasagem tecnológica do nosso parque industrial que ficaria sem condições de aumentar as exportações".

A advertência foi feita ontem pelo empresário Mário Garnero, presidente do Conselho de Administração do Brasilinvest e do Fórum das Américas, após encontrar-se com o presidente do Banco Central, Affonso Pastore. "Não sei se será neste Governo ou no próximo, mas, mais cedo ou mais tarde, virá a renegociação de governo a governo, a exemplo do que já começa a ocorrer com a dívida junto ao Clube de Paris" — previu o empresário, que mantém contato constante com o exterior.

Admitiu que os investimentos estrangeiros no Brasil caíram de quase US\$ 1 bilhão em 82 para cerca de US\$ 400 milhões no ano passado porque a economia sob inflação de 211% não atrai ninguém. "Tão logo a inflação ceda realmente, haverá a retomada destes investimentos, pois o País continua sendo inteiramente viável". Disse que quase todas as empresas multinacionais que operam no Brasil registraram prejuízos reais em 1983, quando converteram os valores para dólares, devido à

LUIS MARQUES



Garnero

desvalorização cambial provocada pela inflação.

Mesmo assim, ele não concorda com as previsões de instituições de pesquisa, divulgadas esta semana em Paris, que desaconselham investimentos diretos em países como o Brasil, devido ao elevado grau de risco que viria com a instabilidade política e social. "A França hoje em dia não está investindo nem nela própria, pelas dificuldades da situação européia" — ironizou, acrescentando que a gravidade da situação econômica brasileira pode não ter diminuído o risco no País, "mas também tem o seu lado positivo".

Este lado, em sua opinião, é que a crise está levando o Brasil

a se preparar para "terminar a década da 80 com auto-suficiência em petróleo e produzindo cem milhões de toneladas de grãos". Mário Garnero acha que a solução brasileira passa pelo que ele chama de "realinhamento industrial" — que seria uma modernização tecnológica capaz de habilitar a economia brasileira a produzir bens exportáveis, principalmente para os países desenvolvidos como os Estados Unidos, "deixando de exportar apenas o excedente interno".

Para 1984 ele não quis fazer estimativas com números, explicando que as empresas do seu grupo estão trabalhando "na base do curto prazo, projetando o futuro no período de apenas uns dois meses, até haver uma definição da situação". Disse que vai esperar os resultados do primeiro bimestre, contando com a queda acentuada da inflação provavelmente em fevereiro. "Se isto acontecer, ficará compensado o aperto monetário que está montado pelo Governo".

O desempenho da economia este ano, de qualquer forma, estará na dependência de dois fatores, em sua opinião: primeiro, a safra agrícola pode realmente chegar a 56 milhões de toneladas, "com resultados muito bons"; segundo, se houver algum alívio nas contas externas, as importações poderão aumentar um pouco mais, garantindo, "talvez, até um pequeno crescimento positivo no Produto Interno Bruto" (PIB). Se isto ocorrer, Garnero acha possível até mesmo que o superávit esperado na balança comercial de 84 fique "um pouquinho acima dos US\$ 9 bilhões".